



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cosmopoliticas-vegetais-reportagem>

## **A exposição Cosmopolíticas Vegetais convidou para relações entre múltiplos saberes e plantas**

Emanuely Miranda [1]

Editora: Susana Dias

*Em diálogo com saberes indígenas e afrodiaspóricos, buscando desviar da brutalização da vida, a exposição Cosmopolíticas Vegetais experimentava criar vínculos, ciências e artes com distintos seres e forças*

Entre os dias 16 de agosto e 28 de setembro, no Espaço Marco do Valle, em Campinas, ocorreu a exposição coletiva *Cosmopolíticas Vegetais* sob curadoria das pesquisadoras Carolina Cantarino e Susana Dias. A exposição foi resultante das pesquisas desenvolvidas no projeto “Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno” (Fapesp 2022/05981-9) e do Tema Transversal de Comunicação do INCT Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014). Com o objetivo de cultivar vínculos entre distintos seres e forças, os artistas buscaram “deslocar as plantas de suas classificações como recursos naturais, objetos de estudo e artefatos ornamentais para pensá-las como parceiras de criação e companheiras de vida”, contou Susana Dias, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e uma das curadoras da exposição. As obras ali apresentadas articulavam saberes indígenas e afrodiaspóricos, bem como se desafiavam a confundir as fronteiras entre artes e ciências.

De acordo com Carolina Cantarino, também curadora da exposição e professora da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, havia uma mobilização coletiva com o propósito de cultivar intimidade com as plantas. Dessa forma, a exposição se esforçava em escapar de perspectivas saturadas por aquilo que se estabeleceu como humanidade que, por sua vez, se caracteriza como demasiadamente branca, masculina e violenta. “Aprendemos, nos diferentes modos de se conviver com as plantas, a habitar um mundo repleto de seres vivos, que não se restringem aos humanos entre si”, explica.

A intenção de dialogar com saberes indígenas e afrodiaspóricos caminhou nesse sentido. Carolina fala sobre uma “monocultura da devastação” e enfatiza a importância da multiplicidade epistêmica para estes tempos. Conforme explica, o convívio entre distintos conhecimentos, tal qual fazem as



plantas, possibilita que, a partir dos encontros e entrelaçamentos, novas ontoepistemologias surjam, dando origem a uma criação coletiva de pensamentos e de mundos ainda mais plurais e *vivíveis*.

### A exposição

A abertura da exposição se deu a partir da relação com a espiritualidade indígena. A artista Rayane Barbosa, que pertence à etnia Kaingang e é estudante de pedagogia na Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, foi a responsável por esse momento, no qual cantou três cânticos de seu povo. “Toda vez que vamos iniciar alguma atividade, chamamos os nossos encantados para abrir e traz proteção”, afirma. Em seus cânticos, Rayane honrou a ancestralidade e pediu a benção para o espaço, potencializando as obras que ali estavam e realizando uma ligação entre elas, os espíritos, as plantas e as pessoas.

Além de conduzir a abertura da exposição, Rayane participou da mesma como artista. Logo na entrada, virando para o lado esquerdo do primeiro cômodo, encontrava-se sua obra: *Mulher Raiz, Tronco e Jenipapos*. Com desenhos e grafismos, ela evocava a força ancestral do feminino, das florestas, dos territórios e dos sagrados. Em uma das telas ali apresentadas, havia uma árvore rodeada por um sapo, uma formiga e uma ciranda de mulheres, mostrando ser possível uma comunhão cósmica de cuidado entre os seres.

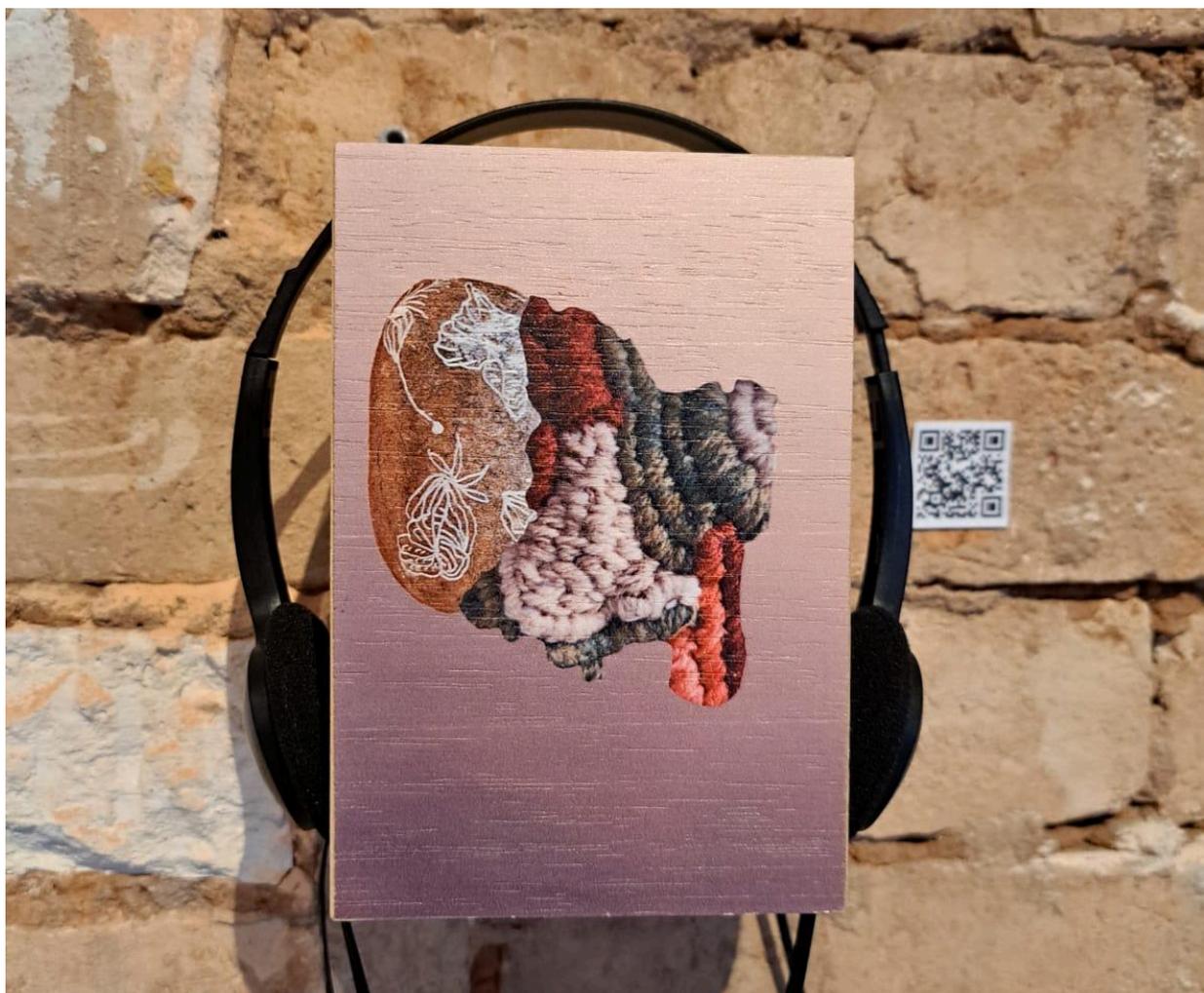


*Mulher Raiz, Tronco e Jenipapos (por Rayane Barbosa)*



A dimensão cósmica também era algo que importava para a artista Valéria Scornaienchi, que participou da exposição com a obra *corpofloresta*. Em uma sequência de quatro caixinhas de som alinhadas numa parede de tijolos à mostra, havia quatro áudios narrando, com uma voz calma e serena, a experiência de estar na região do baixo amazonas. Era possível ouvir o canto de pássaros e, de olhos fechados, enxergar os rios correndo. Escutar era como acionar o corpo inteiro para estar ali: presente e entregue à relação. “Quando ouvimos algo, os sons entram no corpo e nos permitem vivenciar os sentidos, um arrepio na pele, uma memória, um gesto”, acredita.

De fato, Valéria tinha o propósito de mobilizar a sensibilidade e possibilitar um mergulho na floresta, com as plantas. “Eu acredito que o trabalho dialoga com a ideia de compreender o mundo pelo ponto de vista mais que humano e olhar os processos e formas de vida como um devir vegetal”, continua. De acordo com suas palavras, havia uma busca pela coexistência.



*corpofloresta (por Valéria Scornaienchi)*



Coexistir surgiu como um verbo de muita potência para a exposição, tanto para as obras que lhe compunham quanto para as atividades que lhe atravessavam. Ele também aparece nas práticas da Comunidade Jongo Dito Ribeiro e do coletivo multiTÃO que se uniram para criar a obra *Plantas Jongueiras da Roseira*. Na mesma sala onde a obra de Valéria estava, havia uma parede tomada em sua parte inferior por uma erupção de espécies como espadas de São Jorge e Costelas de Adão. Acima delas, formava-se um painel com um conjunto de bastidores circulares com imagens que vieram do livro-objeto *Plantas companheiras: ervas e ritos da Comunidade Jongo Dito Ribeiro*. O livro foi criado, sob coordenação de Susana Dias, durante a disciplina Arte, Ciência e Tecnologia ministrada por ela no Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-IEL-Unicamp. Um dos blocos da disciplina “abordou as ervas como seres companheiros e propôs um trabalho conjunto com a comunidade no quilombo da Fazenda Roseira, onde as plantas são protagonistas de relações baseadas em conhecimentos ancestrais e compromisso com um futuro habitável”, relata Susana Dias.



*Plantas Jongueiras da Roseira (por Comunidade Jongo Dito Ribeiro e Coletivo multiTÃO)*

A comunidade Jongo Dito Ribeiro, cuja líder é Alessandra Ribeiro, historiadora e doutora em urbanismo pela Universidade Pontifícia Católica (PUC-Campinas), realiza semanalmente atividades culturais, científicas e artísticas conectadas com a matriz africana originária. Nesse contexto, a conexão com as plantas importa muito, tanto para fins religiosos quanto medicinais.



Alessandra conta que a conexão com as plantas se desenrola no cotidiano e se apresenta também nas músicas do jongo, que cantam sobre a samambaia e a trepadeira, por exemplo. “A relação das ervas com as tradições da comunidade se dá no âmbito da cura espiritual e física. Algumas delas, quando manipuladas com outros elementos, podem amenizar dores”, defende e cita espécies como boldo, arruda, guiné e alecrim. Visitando a exposição sentíamos como a obra *Plantas Jongueiras da Roseira* dava a ver, sentir e pensar essas relações de encantamento, respeito, responsabilidade, cuidado e amor recíproco com as plantas.

Durante o tempo de exposição, infelizmente, aconteceram uma série de queimadas em várias partes do território nacional que ameaçaram inúmeras formas de vida, especialmente as vegetais. As proximidades do quilombo da Fazenda Roseira não escaparam disso. Diante desses lamentáveis acontecimentos, a potência política, ética, artística e filosófica de pensar e criar em termos de Cosmopolíticas Vegetais se afirmou como urgente.

Citando o escritor Achille Mbembe, Carolina alerta para o fato de que vivenciamos uma enorme “brutalização da vida” e, para enfrentá-la, torna-se necessário estar presente e sensível. “Penso que a exposição, ao instaurar um espaço coletivo, permite uma convivência que reativa nossa sensibilidade e nos reanima a criar, a pensar e a lutar coletivamente contra a devastação”, finaliza.

### **Projetos**

Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno (Fapesp 2022/05981-9)

INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 (CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e CAPES 16/2014)

Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas

Revista ClimaCom

### **Financiamento**

Fapesp, Diretoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp e Faepex-Unicamp

### **Ficha técnica**

#### **Curadoria:**

Susana Dias



Revista *ClimaCom*, Desvios do Ambiental | jornalismo |  
ano 11, no. 27, 2024

Carolina Cantarino

**Exposição Coletiva:**

Comunidade Jongo Dito Ribeiro (Alessandra Ribeiro, Bianca Ribeiro, Flavia Tamiris e Juliana Ribeiro)

Coletivo multiTÃO (Alessandra Penha, Ana Lucia Luchese, Cris Mendes, Emanuely Miranda, Fabiana Ribeiro, Juliana Andina, Silvana Sarti, Pedro dos Santos, Susana Dias, Úrsula Steffany e Wallace Fauth)

Mariana Vilela

Marina Guzzo

Marli Wunder

Rayane Barbosa

Silvana Sarti, Fabio Florentino e Luiza Florentino

Sylvia Furegatti

Valéria Scornaienchi

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com